

TEATRO NA PRISÃO

Uma Experiência Pedagógica

SÉRGIO FARIAS

Orientador Professor Adílson Florentino

UNI RIO

2000

Obs:
1 O texto necessita de uma revisão gramatical.
É preciso cuidar também de certos trechos cujo raciocínio encaminhado se mostra inconclusivo.
OK? Martha Alk

Obs 2: A bibliografia está incompleta. Martha

ÍNDICE

- Introdução
- Uma experiência que nasceu na universidade
- As oficinas
- Um sistema que não recupera
- Algumas causas e efeitos
- Ampliação da pesquisa
- Conclusão
- Anexo
- Bibliografia

TEATRO NA PRISÃO

Uma Experiência Pedagógica

INTRODUÇÃO

A prisão como método penal é relativamente recente. Antes, ela era terrivelmente cruel e impiedosa; eram os ergástulos, as enxovias, as masmorras, vestibulos dos pelourinhos, depósitos das câmaras de suplícios, bastidores do cenário final onde os acusados morriam atezados, fustigados, esquartejados, queimados, no início de um espetáculo e de uma liturgia, cujo ritual macabro Michel Foucault retrata com força e o vigor de um estilo incomparável no seu livro *Vigiar e Punir*.

Reinavam as forças da represália, uma espécie de pena agravada, pela mão da justiça do Príncipe, e o suplício tinha função jurídico-política, com o componente de uma aterrorizante cerimônia punitiva: "O suplício não restabelecia a justiça, reativava o poder. No século XVII, e ainda no começo

do XVIII, ele não era, com todo o seu teatro de terror, o resíduo ainda não extinto de uma época.

Suas crueldades, sua ostentação, a violência corporal, enfim todo o seu aparato se engrenava no funcionamento político da penalidade."

Além da tortura, do castigo físico, requintava-se no castigo ao criminoso com a humilhação dos ferros, das galés chegando ao dilaceramento do corpo por cavalos acorrentados aos braços do réu.

No limiar do século XXI, o confinamento prisional do indivíduo ainda mantém algumas remanescências medievais como as "solitárias", onde o interno poderá permanecer por um mês sem ver a luz do sol e sem direito a visitas. Ou do espancamento sistemático por agentes penitenciários com taco de beisebol. Mas a exclusão provavelmente seja a maior punição de nossa época, demonstrada pelas estatísticas da Associação dos Capelães Mundiais de Cadeia (04/99); no Brasil, noventa e oito por cento da população carcerária é oriunda das classes mais baixas, com mais de sessenta por cento de

reincidência e estigmatizada pela população , que segundo o jornalista Caco Barcelos, em seu livro *Rota 66*, a classe média gosta ainda mais de casos como fuzilamento dos 111 do Carandirú pela PM a fins de conter uma rebelião em 1992.

Talvez esta assimilação por parte da sociedade esteja introjetada em si mesma, extrapolando os muros das penitenciárias. Ingrid Goffman em seu livro *Manicômios, Prisões e Conventos*, descreveu que toda a instituição conquista parte do tempo e do interesse de seus participantes e lhes dá algo de um mundo; em resumo toda instituição tem tendências de 'fechamento'. Seu 'fechamento' é simbolizado pela barreira à relação social com o mundo externo – por exemplo portas fechadas, muros e grades. As penitenciárias são um tipo destas instituições, denominada instituição total.

Dentro de todo este contexto surgem algumas vozes dissonantes em busca da recuperação da auto estima e da ressocialização da população carcerária (ou uma parte ínfima desta). Talvez movidos pelo clima eletrizante

de uma prisão associado a um idealismo ou fé na recuperação de um indivíduo cuja 'carreira moral' levou a processos de perda e mortificação.

[O educador Paulo Freire cuja obra é voltada a uma teoria de conhecimento aplicada à educação em que o educador e educando aprendem juntos numa relação dinâmica, num processo de aperfeiçoamento constante.]

Então para um educador trabalhar numa prisão talvez seja desocultar os mistérios de educandos que vivem aparte ao mundo "normal". E com isto estabelecendo esta prática dialética.

Provavelmente esta seja a grande emulação do grupo Teatro nas Prisões, formado na Universidade do Rio de Janeiro que vem trabalhando com os internos

*Racismo
Inclusivo*

da Penitenciária Lemos Brito, desde 1997. Muitas vezes de forma voluntariosa e em condições adversas mas com uma grande vontade de aprender.

“ *A sociedade lá ~~forma~~ acha que nós somos monstros. Pior que quando vim pra cá eu também me achava um monstro. Agora, acho que errei sim, mas não me acho mais um monstro. Acho que todo mundo devia ter pelo menos um pouco de clemência e ver que nós não tivemos escola quando ~~erramos~~ crianças.”*

* E., condenado a 30 anos.

UMA EXPERIÊNCIA QUE NASCEU NA UNIVERSIDADE

[O ano de 1997 foi simbólico para o Brasil, que como todo o país de terceiro mundo foi abalado pela crise das bolsas de valores do sudeste asiático, que para nossa realidade, pois a prova o Plano Real.] O Governo para salvaguardar o plano, já visando ^a uma reeleição no próximo ano, tratou de fazer todos os ajustes necessários, aumentando os juros e acentuando os cortes nas despesas públicas, não poupando educação e saúde, mantendo-se coerente, *portanto,* com um projeto neoliberal, o Governo, competentemente, superou a crise.

Dentro deste contexto estavam as universidades públicas que já vinham num processo de sucateamento, para favorecer uma

*Racismo
inconcluso*

privatização futura, conforme a agenda de FHC. Se um ano antes o Governo já havia anunciado uma redução de recursos na pesquisa universitária, após o que ficou conhecido como Crise dos Tigres Asiáticos, a situação se agravaria. Foi quando o Professor Paul Heritage, da Universidade de Londres, que estava de passagem pelo Brasil, ministrou um curso na UNI-RIO, sobre teatro nas prisões e sua experiência artístico-pedagógica. O professor Heritage, que no Brasil já havia trabalhado com teatro nas prisões nas penitenciárias da Papuda, em Brasília, e na do Carandiru, em São Paulo, apontou que através do teatro é possível recuperar um infrator. Pois durante um processo de criação artística conjunta, o interno recupera sua auto estima e a partir daí inicia-se um processo de ressocialização .

A partir do curso do professor Heritage, cinco alunos dos cursos de licenciatura plena e artes cênicas passaram a se reunir para elaborar jogos dramáticos, baseados em Augusto Boal, e para leituras e debates sobre os livros sobre prisões de Michel Foucault e Ingrid

Goffman, além de artigos e matérias de imprensa sobre o tema. O objetivo era trabalhar em alguma penitenciária no Rio de Janeiro.

Após três meses de estudos e de contatos estabelecidos oficialmente entre a UNI RIO e a Penitenciária Lemos Brito, iniciou a primeira oficina com os internos desse complexo. Porém àquela altura, por questões burocráticas, seria impossível obter qualquer bolsa de estudos. Fico estabelecido que se tentaria

obter as bolsas no início do próximo ano, mas o grupo estava consciente das dificuldades, pois, como já citado, mesmo antes da crise econômica daquele ano, o Governo já havia anunciado um corte de verbas para as pesquisas de extensão nas universidades públicas. Não obstante as dificuldades de ordem institucional, há na sociedade todo um preconceito em torno de um trabalho para internos em uma prisão. Um dos aspectos desta postura social foi a emblemática votação em 1990 do deputado estadual pelo Partido Progressista Brasileiro, Sivuca, um dos ex-homens de ouro (leia-se esquadrão da

morte) da polícia carioca nos anos 70 e 80: “ Bandido bom é bandido morto”
Segundo Michel Foucault em *Vigiar e Punir*, Beccaria, um criador, que abriu
clareiras que ainda hoje iluminam o pensamento jurídico, escreveu em 1856: “
Entre as penas e na maneira de aplicá-las em proporção com os delitos,
devemos escolher os meios que causarão no espírito do povo a impressão mais
eficaz e mais durável.

* “ *Por que vocês estão dando aulas de teatro para bandido? Bandido não
precisa de teatro, precisa é de outra coisa.*”

Agente penitenciário da Lemos Brito

AS OFICINAS

A metodologia das oficinas na Penitenciária Lemos Brito seria trabalhar com os alunos durante um dia na semana, quinzenalmente, intercalados por um dia por semana na UNI RIO, dedicado a leituras de Paulo Freire e Michel Foucault (em anexo), apresentação do relatório da oficina anterior e o ensaio da próxima, baseada em exercícios do Teatro do Oprimido de Augusto Boal.

Para os internos as oficinas seriam de duas horas de aplicação de jogos dramáticos e trinta minutos de discussões sobre o trabalho do dia ou um tema livre. Como um dos resultados práticos seria a apresentação, no final do semestre, de uma peça teatral que poderia

ser escrita pelos próprios alunos; após dois meses as oficinas iriam, gradativamente, sendo substituídas pelos ensaios. Mas somente a meia hora final, onde o aluno poderia se expressar livremente seria preservado.

Os objetivos do projeto são constituir os fundamentos teóricos e práticos da utilização do teatro como instrumento de ressocialização de populações carcerárias. Trata-se portanto de utilizar um meio de expressão e um método (construção coletiva participativa) como instrumento de reinserção ativa do indivíduo dela apartado. Com isso poderia proporcionar a comunidade carcerária uma abertura de perspectivas para uma profissionalização no âmbito da atividade teatral.

* *“Eu fui preso aos 21 anos. Estou mais da metade da minha vida preso. Quando vim para cá, eu mal sabia escrever meu nome. Me alfabetizei na Pastoral Penal.”*

E., condenado a 40 anos.

A primeira oficina começou com 24 internos. Como o acesso era livre, metade era instável pelos mais diversos motivos, permanecendo apenas doze alunos até o final do ano, que formaram o grupo Quero Uma Chance cujo trabalho extrapolou a área de atuação para a confecção de adereços, construção de cenários e sonoplastia. Mas tanto os doze alunos como os cinco professores não eram mais os mesmos ao final do processo.

Os primeiros jogos dramáticos eram compostos de temas livres como o de compor uma cena. E em sua maioria os alunos nos forneciam cenas de violência. Nos debates finais com os alunos, poucos se expressavam com desenvoltura. Não por incapacidade, mas por um abafamento de sua espontaneidade provocado pelo confinamento. Ingrid Goffman em *Manicômios, Prisões e Conventos* descreve todo o processo da perda da auto estima de um interno quando chega a uma instituição totalitária: “ O novato chega ao estabelecimento com uma concepção de si mesmo que se tornou

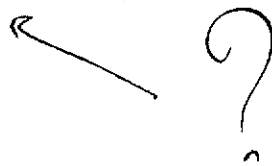
possível por algumas disposições sociais estáveis no seu mundo doméstico.

Ao entrar é imediatamente despedido do apoio dado por tais disposições,

Começam uma série de rebaixamentos, degradações e humilhações do eu. O seu eu é sistematicamente mortificado.”

Paralelamente, uma parte significativa dos funcionários da Lemos Brito, contribuía para inviabilizar o trabalho do teatro nas prisões. Desde a lista de autorização de entrada na penitenciária que sempre sumia ”misteriosamente”, até demonstrações de poder para com os alunos diante dos professores.

Durante a oficina, observou-se um processo extremamente dinâmico dentro de um ambiente inóspito e de onde seria pouco provável obter um bom resultado a curto prazo. Alunos dos 21 aos 45 anos de idade, geralmente com penas muito longas e condenados pelas mais diversas infrações, correspondiam com interesse, ch



UM SISTEMA QUE NÃO RECUPERA

“Numa manhã ensolarada de março de 1998, estava eu excitado com meu primeiro contato com uma prisão. Na minha mente todo o imaginário de filmes marcantes como *Expresso da Meia Noite* ou *Brubaker*. A cada passagem pela inspeção e pelo abrir e fechar de grades pesadas o clima ia se tornando pesado. O contato com os internos por mais que eu quisesse disfarçar foi tenso. A prisão me atraía e me causava repugnância. Durante meses sempre ao sair da Penitenciária Lemos Brito, passava em casa para tomar banho e trocar de roupa, tendo sempre o cuidado de pô-las para lavar imediatamente. Menos de um ano depois estava eu comendo com os internos após o término da aula. Dia seguinte, percebi que não havia

trocado de calça e que estava ansioso por voltar à cadeia. Mas a quem eu poderia estar servindo?”

Segundo Paulo Freire em *Pedagogia da Autonomia*, do ponto de vista dos interesses dominantes, não há dúvida de que a educação deve ser uma prática imobilizadora e ocultora de verdades. Logo, independente do voluntarismo citado acima pelo autor, tínhamos, a princípio, receio de estarmos sendo meros agentes assistencialistas; servindo (mesmo sem querer) a outros interesses. Mas não só o acumulo das leituras de grupo de Michel Foucault, Paulo Freire, Ingrid Goffman, Drauzio Varella, Zuenir Ventura e outros, com quem mais aprendemos foi com os internos da Lemos Brito. Com isso, percebemos não só a pequenez de nosso trabalho diante todo o sistema carcerário mas também o quanto não estávamos servindo a nenhum interesse dominante, pois caminhávamos na contramão de um sistema, que poderia, mas não recupera ninguém.

“Fui preso por matar os estupradores da minha prima. Nunca fui bandido, mas hoje eu sei fazer um seqüestro ou um assalto a banco, Aprendi aqui,”

* A. condenado a 45 anos.

Noticiava o jornal carioca O Globo, na sua edição de vinte e sete de novembro de 1949: “ Um preso até então de excelente comportamento e acentuado espírito religioso esqueceu, de pronto, sob efeito da bebida, todas as noções que o mantinham numa linha disciplinar elogiável. Esses acontecimento expõem também as falhas do regime penitenciário vigente, em que até libações podem fazer parte da vida na prisão.”

Tal notícia é um registro factual da continuidade de um sistema penal, que segundo Evandro Lins e Silva em seu livro *De Beccaria a Filippo Gramatica*, o nosso Código Penal de 1940, ainda em vigor, se bem que reformulado em 1984, para melhor, na parte geral, teve como

modelo imediato o código italiano, formulado no final dos anos 20, que representava o pensamento penal fascista.

A justificativa ética para a pena privativa de liberdade é a ressocialização – a reconstrução psíquica e comportamental do infrator. Carece de sentido a reclusão do indivíduo considerado em desajuste, tendo em vista a sua dispendiosa manutenção, como também, o agravamento dos seus conflitos, considerando que ao final da pena a sociedade o receberá mais desajustado ainda.

No Brasil calcula-se, com base em dados pouco confiáveis, a existência de uma população carcerária em torno de 300 mil indivíduos, dois terços dos quais em situação irregular quanto a condenação legal, isto é, a partir de processo judicial de julgamento pelos tribunais (revista *Veja* 07/08/99). Todo o sistema penitenciário foi e continua sendo dimensionado para receber apenas os excluídos da sociedade brasileira. De peça do sistema o excluído passa a

constituir problema quando o seu número agrava os orçamentos governamentais.

Tornar o detento produtivo, assumindo responsabilidades no processo da própria ressocialização, é objeto e todo sistema penitenciário.

O teatro trabalha com atualização da capacidade humana de criar o mundo. Espelho cristalino da vida real, será instrumento ímpar na ação educativa e ressocializadora do detento, bem como instrumento para restituir-lhe a cidadania perdida.

* *“A arte é o meu fraco. Pena que eu só descobri isso aqui e não na escola.”*

H. condenado a 65 anos.

ALGUMAS CAUSAS E EFEITOS

Uma causa

A educação escolar precária, fator peculiar entre os brasileiros de baixa renda,

é uma brecha a criminalidade. Esta carência advém da concentração de renda e uma falta de política agrária. Grande parte da população protesta e se indigna mas não acostumada a um pensamento crítico, separa em blocos estanques, a sociedade injusta e os criminosos. Estes a sociedade abomina.

Michel Foucault cita em *Vigiar e Punir* que “ no jogo das pressões econômicas, de uma

?
6 | elevação geral do nível de vida , de um forte crescimento demográfico, de uma multiplicação de riquezas e das propriedades, a necessidade de segurança é uma consequência disso. “

A necessidade de segurança observada por Michel Foucault é introjetada na sociedade que potencializa a questão moral em detrimento da política. Esta análise superficial esconde a real discussão sobre a máquina capitalista; sua lógica de funcionamento e sua ideologia excludente. Enquanto isto, prevalece a política dominante de salários mínimos e desemprego. Segundo A Revista do DIEESE, de março de 1999, o Brasil é a penúltima pior distribuição de renda pessoal no mundo, perdendo apenas para Botsuana.

Um efeito

“ Nas favelas há um imenso varejão. Existem filas de garotos de até 8 anos, esperando para ingressar no tráfico de drogas, onde os ganhos podem chegar a R\$300,00 por semana.”

Hélio Luz, ex-chefe da Polícia Cível e atual Deputado Estadual PT/RJ, em depoimento ao documentário *Notícias de Uma Guerra Particular* de João Moreira Salles, 1998.

Outra causa

Augusto Boal em seu discurso de posse como vereador eleito pelo Partido dos Trabalhadores em 1992, no Rio de Janeiro, declarou em plenário: *“ Algumas pessoas atribuem a miséria da sociedade a responsabilidade da conduta moral dos políticos ou do desejo pessoal de maldade e de uma autoridade ou outra. Logo anular o voto seria uma solução, já que a responsabilidade de tudo é do político ladrão. ”*

Esta personificação ajuda a embotar uma causa estrutural, muito mais lesiva que um Fernando Collor, como uma personalidade, apenas ou do assaltante de bancos, que é a política econômica. Desta ninguém quase fala.

Conforme a analogia proposta por Pedro Guarechi, em *A Máquina Capitalista*, entre economia e religião; no capitalismo Deus é o objeto, e quem constrói Deus (ou seja o objeto) é a mão de obra.

Sem a mão de obra não existiria o objeto (ou seja Deus). Mas a adoração ao objeto esconde a mais valia para que a exploração do trabalho continue.

Outro efeito

“Eu vou ficar aqui o resto da vida em regime fechado porque seqüestrei gente de grana e quando você mexe com rico sua pena é enorme. Veja aqui. Tem companheiro que matou e estrupou e tem uma pena menor do que quem assaltou um banco. Porque quem são os donos dos banco? Veja o Sérgio Naya, ele está soltinho da silva, só porque ele é rico.”

* E. condenado a 30 anos.

Deste modo, o positivismo ganha predominância na sociedade. É a idéia da perpetuidade, não contestualizando os fatos. Com isto se enfrenta com



P

naturalidade o mendigo, o fato das empregadas domésticas serem negras ou das condições desumanas em uma masmorra, pois “sempre foi assim”.

“ Só recebo visita da minha mãe de vez em quando. Meu pai nunca vem aqui, ele acha que eu já nasci bandido.”

S., condenado a 45 anos.

AMPLIAÇÃO DA PESQUISA

Essa atual política econômica de prioridade do mercado em detrimento do social e do público, também incide, desfavoravelmente nas universidades públicas. Como exemplo imediato, percebemos o surgimento dos cursos sequenciais nas faculdades e a precariedade no ensino público que vão desde o

salário do corpo docente às condições físicas dos prédios e a redução das bolsas para extensão e pesquisa universitária.

Dentro desta conjuntura o grupo Teatro nas Prisões trabalhou por dezoito meses desprovido de bolsa. Nesse período foram

apresentados dois espetáculos teatrais com peças escritas pelos próprios alunos internos, produzidos mais de cem páginas de relatórios sobre as oficinas e os debates na prisão, foi formado dentro da penitenciária o grupo teatral Quero uma Chance, e dois alunos obtiveram liberdade condicional por bom comportamento. O objetivo da pesquisa de recuperar a auto estima do interno visando a sua ressocialização quando deixar o cárcere foi, a princípio, alcançado, pois segundo Paulo Freire em *Pedagogia da Autonomia*, sempre estamos em processo de aprendizagem. Mas e depois?

Esta é uma dúvida latente no grupo. Após meses trabalhando com um interno qual os efeitos em sua recuperação quando esta já esta em liberdade?

Não seria possível ampliar esta pesquisa universitária para além de seus muros?

“ O W. entrou aqui com 18 anos e saiu em condicional na sexta-feira, com 36 anos de idade. Ele nem possui mais contato com seus familiares. Setenta e duas horas depois, ela já estava sendo procurado pela policia por extorção.”

* Dr. Raimundo, diretor da Penitenciária Lemos Brito. W. chegou a participar de umas três oficinas de forma inconstante. Era sempre visto tocando piano na sala do diretor.


O grupo Teatro nas Prisões em seu projeto original, visava um acompanhamento executado por seus membros aos ex-internos. Este acompanhamento seria de uma entrevista mensal, num período de doze meses, em que o ex- interno seria aproveitado na Universidade para trabalhar seis horas

semanais no Centro de Letras e Artes, aplicando e desenvolvendo suas habilidades no grupo Quero Uma Chance, auxiliando em construção de cenários, confecção de adereços, sonoplastia e figurino.

Está "contratação" seria avaliada pelo setor jurídico da Universidade, para que não incida vínculos empregatícios e depois submetido a Reitoria.

O projeto não chegou a ser encaminhado à UNIRIO, pois a própria manutenção do grupo Teatro nas Prisões trabalhando nas oficinas da Lemos Brito estava carente de recursos institucionais.

Como uma alternativa o grupo Teatro nas Prisões está se constituindo com uma ONG, com o apoio do Centro de Estudos Latino-Americanos, mas continua vinculado a Universidade do Rio de Janeiro, avançando com a criação de dois grupos que atuarão, em 2000, na Penitenciária Lemos Brito e no Presídio Nelson Hungria, ambos dentro do sistema da Frei Caneca.



este feminino. Mas os dois novos alunos da UNIRIO, que recentemente ingressaram no grupo e dois remanescente continuam sem bolsa, contando com o voluntarismo de alguns de seus integrantes, que pagam para trabalhar.

Como já mencionado, a responsabilidade desta carência é estrutural e o que fazer a curto prazo, talvez seja votar em melhores candidatos nas próximas eleições. Mas algumas soluções imediatas podem ser feitas. Primeiro seria pensar num projeto global para a pesquisa universitária,

discutindo com sindicatos, associações, professores, alunos e representantes de base, posteriormente encaminhando ao Governo.

No que diz respeito ao teatro nas prisões, além do trabalho que já vem sendo realizado, o grupo consubstanciaria a pesquisa universitária com a recuperação de informações e temas de interesse para construir coletivamente um repertório teatral com fins da

apresentação interna e externa que ampliem a discussão sobre cidadania.

[Formar mais equipes que multipliquem este trabalho iniciado na Lemos Brito e se ampliem para outras instituições prisionais.] Paralelamente formar e instrumentalizar uma equipe mista formada por profissionais de teatro, educação e funcionários do DESIPE.

Inconcluso

Oferecer oficinas de teatro para os agentes penitenciários que lidam diretamente com os internos, ou sejam, carcereiros, seguranças e professores da área de educação, visando criar um espaço em que possam ser trabalhadas as dinâmicas de relacionamento no presídio.

Concluído o projeto, um outro objetivo é a multiplicação de equipes para atuarem em outros presídios ou penitenciárias, fazendo intercâmbio com outras universidades, no sentido de, futuramente, estender esta experiência universitária pelo Brasil.

“Estou preso há cinco anos. Desde criança o crime me fascinava. Me viquei em drogas, assaltei e matei. Vivia num outro mundo. Agora, com o teatro, pela primeira vez, estou me sentindo amado. Estou me sentindo gente.”

* J. condenado a 40 anos.

CONCLUSÃO

Paulo Freire referindo a importância do binômio educação - cidadania, discorre em *Pedagogia da Autonomia*: “ Sou professor a favor da luta

constante contra qualquer forma de discriminação, contra a dominação econômica dos indivíduos ou das classes sociais.” Esta frase sintetiza o papel de intelectual crítico, o que “ pensa certo “ , segundo Paulo Freire. Mas do outro lado existe uma eficiente máquina capitalista que faz-nos parecer que as leis que regem a sociedade caíram do céu, ninguém elaborou nada a serviço de uma elite. E com isto, excluído mata excluído. Por exemplo, na prisão o agente carcerário, que geralmente é oriundo da mesma classe baixa do interno, reproduz a mesma lógica excludente das classes dominantes.

Dentro da atual lógica de uma sociedade regida pelo mercado, onde resultados sobre lucros são cobrados muitas vezes sem valores éticos, como vem sendo o processo de privatização no Brasil, desde o início da década. É este mesmo processo que ajuda a formar as megacorporações internacionais,

Racielino
Inconcluso

que ao contrário do excluídos, estão cada vez mais unidas (ou melhor fundidas). Então, dentro desta lógica, por que trabalhar para recuperar preso?

Levando em conta os últimos quarenta anos de positivismo em nosso país, é comum que alguns profissionais de educação qualifiquem o projeto do Teatro nas Prisões, como algo exótico. Ainda mais quando a certa altura do trabalho deixamos as teorias acadêmicas um pouco de lado e passamos a trabalhar muito intuitivamente. Talvez esta opção tenha se afirmado em virtude de estarmos aprendendo tanto quanto os internos, ou também pela peculiaridade de uma prisão um ambiente hostil e segundo Draúzio

Varella, em *Estação Carandiru*, a cadeia infantiliza e que tratar de presos requer sabedoria pediátrica.

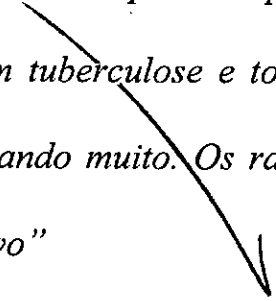
Mas o projeto Teatro nas Prisões, mesmo com poucos recursos e educadores imperitos, mostrou que é possível recuperar um preso através da arte e da recuperação de sua auto estima. O que está aí pode ser transformado.

Não obstante todo o obsoleto sistema penal brasileiro e a política neo liberal do governo, que são fatores estruturais, ^{poder - a - la} poderia se imaginar o quanto mais poderia ser feito para a reabilitação da população carcerária e seus desdobramentos na construção da cidadania de um país, se houvesse vontade política para tal. E como as universidades poderiam ser um campo fértil para pesquisas como esta e outras que muitas vezes se perdem em seus arquivos pela impossibilidade de realização. Mas todos estes processos de dominação

capitalistas não são estanques. Fazem parte de uma política de exclusão social eficiente. Nestes quase três anos de trabalho na Penitenciária Lemos Brito, o

grupo Teatro nas Prisões trabalhou com mais cinquenta internos. Todos eram da classe baixa.

“Outro dia fui pego jogando carta e fui para o castigo, fiquei uma semana sem tomar sol e com mais de dez num cela muito pequena e com o piso molhado. A gente ficava em pé o tempo todo. Tinha companheiro lá a quase um mês e tava com tuberculose e tossia muito. E sai de lá cheio de ferida no corpo e me coçando muito. Os rato já tavam roendo meu pé. Isto aqui é como está morto vivo”



* M. condenado a 40 de prisão

* Depoimentos colhidos na Penitenciária Lemos Brito -1999

BIBLIOGRAFIA

*Bibliografia incompleta
Atencão!*

- Foucault, Michel *Discipline e Punir*
- Freire, Paulo *Educação e Mudança*
- Freire, Paulo *Pedagogia da Autonomia*
- Goffman, Erving *Manicômios, Prisões e Conventos*
- Varella, Drauzio *Estação Carandirú*

ANEXO

Rio (RJ), 22.07.1997

**PRIMEIRA OFICINA DO GRUPO TEATRO NAS
PRISÕES**

PENITENCIÁRIA LEMOS BRITO

Primeira aula

Chão

Bolinha de tenis nos pontos de tensão

Abdominais (várias séries)

Alongamento em X do corpo

Alongamento da parte posterior das pernas

Cadeirinha de balanço

Em pé

Exercícios “ tendues “ pés passando pelo chão e centro do corpo
presente.

Alongamento coluna (desce em 8 tempos, 4 tempos e 2 tempos, 1)

Rio (RJ), 19.08.97

EDUCADORES PARA REFERÊNCIA

Incompleto

Freire, Paulo. *Educação e Mudança*

Freire, Paulo. *Pedagogia da Autonomia*

Slade, Peter. *O Jogo Dramático*

Goffman, Erving. *Manicômios, Prisões e Conventos*

Foucault, Michel. *Metafísica do Poder*

Foucault, Michel. *Vigiar e Punir*

Adler, Stella. *Técnica da Representação Teatral*

Koundela, Ingrid. *Jogo e Texto*

Peixoto, Fernando. *Brecht Vida e Obra*

Miranda, Micanor. *200 Jogos Infantis*

Novelly, Maria C. *Jogos Teatrais*

Reverbel, Olga *Jogos Teatrais na Escola*

Adler, Stella. *Técnica da Representação Teatral*

Koundeja, Ingrid. *Jogo e Texto*

Peixoto, Fernando. *Brecht Vida e Obra*

Miranda, Micanor. *200 Jogos Infantis*

Novelly, Maria C. *Jogos Teatrais*

Reverbel, Olga *Jogos Teatrais na Escola*

LEITURAS E GRUPO DE ESTUDOS

Laban, R. *O Domínio dos Movimentos*

Tirar uma sequência de movimentos para trabalhar centro, eixo e equilíbrio.

Com isso a auto-estima acalma.

Thèrére, Bertherat. *O Correio do Corpo*

Julius, Fast. *A Linguagem do Corpo*

Goleman, David. *A Inteligência Emocional*

Keleman, Stanley. *Anatomia Emocional*

Jogos e Nomes

- a) Dizer baixinho o seu nome; o sabor, o cheiro, a cor, forma; conteúdo, o retorno, a música, a dança.
- b) Repetição do nome (existe dentro do nome diversas formas e jeitos)
- c) Conversar c/ alguém só o próprio nome. Só o nome, nada nenhuma palavra mais.
- d) Em círculo; expressar o nome corporalmente para ser repetida pelos outros.
- e) Dar o nome + um adjetivo começando com a mesma letra do nome. Pode ser falado o nome da pessoa à direita ou a esquerda .

- f) Olhando-se no espelho, dizer o nome repeti-lo e identificar o nome com seu rosto, seu corpo.

- g) Corrida na diagonal, correr e gritar seu nome e correr e gritar o nome da pessoa que está atrás.

- h) Em círculo uma pessoa no meio vai repetir 3x o nome de alguém , se esta pessoa não conseguir interrompê-la ela vai para o centro no lugar do outro, se conseguir, permanece como está.

- i) Fazer uma declaração de amor para si mesmo.

Jogos propostos 25/08/97

Bolinhas de tênis c/ música

- 1) Futebol – não deixar a bolinha sair do centro. O líder mudar a proposta colocando mais bolinhas na roda.
- 2) Handy ball. O líder sem usar palavras vai jogar as bolas mudando quando quiser as propostas do exercício.
- 3) Em duplas jogar as bolas c/ uma distância c/ cuidado de DAR e RECEBER a bola. Ir se aproximando até ficar de costas e estimular as duplas para uma ganhar quem chega até 10 (e grita bingo!) sem derrubar as bolinhas mudando quando quiser as propostas do exercício.

4) Individual. Jogar bolinha p/ alto e apanhá-la c/ maior número de palmas.

Apanhá-la depois de deitar ou sentar e girar.

Relaxamento

- 1) No eixo vertical, tentar levantar uma perna para trás e usar os braços para o lado como equilíbrio e para não perdê-lo é importante fixar um ponto no horizonte. Fazer isso para frente e para trás e para o lado.
- 2) Fazer movimento de pêndulo (de olhos fechados) sentir a planta dos pés no chão.

Esculturas

- 1) Em dupla, mover o outro pelas articulações.
- 2) Uma pessoa pára e a outra preenche o espaço
- 3) Repete o 2 + movimento, ritmo e som gradativamente.
- 4) Alguém começa com um som e um movimento e os outros vão se encaixando.
- 5) Esculturas. Temas (Prisão, amor , escola etc.)

Rio de Janeiro 27 de março de 2000.



UNIVERSIDADE DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA

**FORMAÇÃO DE DOCENTES UNIVERSITÁRIOS -
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO**

AVALIAÇÃO DE MONOGRAFIA

Título da monografia: Teatro na Prusa: uma experiência pedagógica.
Autor: Sérgio Sarauá
Professor Orientador: Adilson Florentino da Silva
Professor Leitor: Martha Alkmin

Parecer do Orientador:

A temática abordada pelo pós-graduando é bastante interessante e foi tratada numa perspectiva crítica, em consonância com os objetivos do curso em questão, entretanto, entende-se que a monografia necessita de um certo aprofundamento teórico-metodológico. Nesse sentido, atribuo a nota 7,0 (sete).

Parecer do Professor Leitor:

Confiro a monografia de Sérgio a nota 7,0 (sete).
O tema escolhido por Sérgio é de extrema importância e sua contribuição para as pesquisas relativas à formação de professores, por exemplo, seria significativa, não fosse a necessidade de maior apuro técnico para amparar, sustentar uma proposta de estudo tão importante e provocadora como a que foi apresentada. Atribuí a nota sete, portanto, pela importância do tema. A meu ver seria recomendável uma revisão do quadro teórico.

Conceito Final: B-7,0 (sete)

Data: 30/05/2000

Assinaturas:

Adilson Florentino da Silva
Martha Alkmin